



A EMERGÊNCIA DO ESPORTE EM VITÓRIA NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX (1925-1940) A REVISTA *VIDA CAPICHABA* E AS MUDANÇAS NO VESTUÁRIO¹

Victor Estevam Klippel
Samara Salvador Meneghetti
Claudia Emília Aguiar Moraes
Ueberson Ribeiro Almeida

Investiga sobre os primórdios do esporte em Vitória e as relações que o fenômeno esportivo estabelece com o processo de modernização desta cidade nas primeiras décadas do século XX. Apresenta como objetivos: a) dar visibilidade às mudanças nos hábitos de vestuário das pessoas; b) apresentar o quanto as práticas esportivas contribuíram para o tal encurtamento no vestuário sobretudo das mulheres. A fonte explorada foi a Revista Vida Capichaba, periódico que circulou nas décadas de 1920 à 1950 e que tinha importante repercussão na vida dos capixabas. Por questões metodológicas, o recorte adotado compreende o intervalo de 1925 à 1940.

Palavras chave: Esporte. Educação do corpo. Modernidade. Vestuário.

Introdução

Há pelo menos duas décadas que, dentro e fora do campo da educação física, inúmeros pesquisadores têm se esmerado no sentido de dar visibilidade às práticas esportivas que “invadiram” o Brasil a partir do século XIX.

Embora circunscrita ao eixo Rio-São Paulo, o que tem se considerado como a história dos esportes no Brasil. Isso não sem razão, pois, de fato, aquelas duas localidades foram as principais cidades do País desde antes da virada para o século XX, influenciando gostos, atitudes, valores e ditando os rumos para aqueles pequenos centros que iriam percorrer, com algum atraso, os caminhos outrora já trilhados por elas. Esse, decerto, é o caso de Vitória, como demonstram os estudos de Derenzi (1965) e Vasconcellos et al. (1993).

Este estudo procura evidenciar qual a relevância do início das práticas esportivas, quanto ao processo de transformações nos hábitos de vestuário das pessoas, sobretudo das mulheres, que passaram a expor cada vez mais as partes do corpo e a pleitear sua participação nas práticas esportivas.

O vestuário, em suas diversas formas e representações sociais, em seus aspectos técnicos e significantes, estudado no tempo e no espaço, vem a ser um rico domínio da cultura material, ainda pouco explorado pela historiografia dos esportes e que, para nossas pretensões, é visto como mais uma estratégia para entender os vínculos entre o esporte e a modernização (política, econômica e cultural) de Vitória no início do século XX.

Em relação a essa capital, muito pouco se conhece sobre o desenvolvimento das práticas esportivas no início do século XX. Trabalhamos com a hipótese de que, nos anos iniciais de sua modernização, Vitória vivenciou uma agitação da população em torno dos esportes, que se afirmou, ao longo do processo sócio-histórico de desenvolvimento da cidade, como um componente cultural importante do capixaba. As manifestações

¹ Este estudo é resultado de projeto de pesquisa financiado pelo edital MCT/CNPq 14/2009



esportivas ocorridas na cidade eram registradas pelos principais meios de comunicação da época dentre eles o jornal *O Diário da Manhã*, *A Gazeta*, a Revista *Chanaan* e a Revista *Vida Capichaba*, nossa principal fonte investigada nesse estudo.

Encaminhamentos Metodológicos

Quanto à periodização, adotamos o recorte temporal da Revista *Vida Capichaba* (1923-1954), utilizando os anos de 1925 à 1940. A escolha deste recorte não foi aleatória, pois, além de se realizar muitos investimentos no sentido de se modernizar, presenciou-se nessa época um *boom* esportivo em Vitória, conforme evidenciam as fontes acessadas.

A escolha desta revista se deu pelo fato desta permanecer por mais de 30 anos como um dos mais importantes meios de comunicação da época. E por ser um dos poucos documentos preservados sobre o período estudado. Sua circulação se dava pela capital e interior do Espírito Santo, pelo interior de Minas Gerais, e também no Rio de Janeiro que era a capital federal (ROSTOLDO, 2000).

Priorizamos as colunas *A Eterna Vaidade* e *Feminea* que evidenciavam constantemente imagens e questões relacionadas ao vestuário e a moda, bem como, as suas tendências contemporâneas. A coluna *Resenha Esportiva*, posteriormente *Vida Sportiva*, relacionada ao vestuário esportivo, estava presente em todas as edições da Revista e evidenciava os trajes usados durante as práticas esportivas.

Considerando as fotografias utilizadas é preciso ressaltar que a imagem é tradicionalmente uma fonte privilegiada para o estudo das formas de vestuário: embora não revele a qualidade do material ou das técnicas empregados, e em alguns casos a cor, a imagem, geralmente, proporciona o contexto da forma vestimentar representada, trazendo informações que, somadas às outras fontes tradicionais (tais como as matérias de Revistas) contemplam aspectos muito diversos e enriquecedores. Em função disso, o grupo de pesquisa tem buscado apoio em referências que destacam as possibilidades da iconografia para a produção do conhecimento histórico (MAUAD, 1996; PAIVA, 2006), bem como naqueles trabalhos que se situam no âmbito de uma história da moda ou do vestuário (LIPOVETSKY, 1989; NACIF, 2000; WILSON, 1989).

Discutindo os Resultados

Embora elevada pela lei de 17 de março de 1823 à categoria de cidade é somente nos primeiros anos do século XX que Vitória passa realmente por processos modernizadores, deixando de ser uma província, com ruas tortuosas e estreitas, para se alinhar aos ditames modernos do Mundo ocidental, que por sua vez, afirmavam as benesses da industrialização e do progresso técnico-científico. Junto ao desenvolvimento da cidade, Vitória vivencia, nos anos iniciais de sua modernização, importantes movimentos da população em torno da prática esportiva, o que se afirmou como um componente cultural da vida urbana.

Como a cidade era o palco para o desempenho dos novos potenciais técnicos desencadeados pela cultura e prática adjetivadas de modernas, nada mais lógico que a modernização daquela incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Todo o sentido da ação esportiva convergia agora para um efeito de maximização de um *padrão de produtividade* (SEVCENKO, 1992) que é típico da própria modernidade e sua racionalidade (instrumental). A constituição dessa cultura urbano-industrial passou a exigir



um determinado tipo de *educação do corpo* onde novas subjetividades, novos gostos e gestos passaram a conformar o ideário republicano brasileiro.

A emergência do esporte em Vitória e a produção de novas formas de ser homem e ser mulher

Para compreendermos as tramas que envolvem as relações entre desenvolvimento da cidade e as transformações nas formas de se vestir ligadas à proliferação das práticas esportivas em Vitória, partiremos de uma discussão que ocupa espaço significativo na Revista *Vida Capichaba*. Trata-se das ambivalências que envolvem a adesão das práticas esportivas por parte das mulheres. O tema sobre a participação da mulher no esporte é tratado, dentre outras formas, do seguinte modo na Revista:

E as mulheres também devem praticar *sports*. Não a brutalidade, a insensatez da pratica do *foot-ball*, do próprio remo, e porque não dizel-o, ²o *basket-ball*. Ainda somos daquelles que pensam que, se a mulher deve ser adepta dos *sports*, não deve praticá-los a ponto de se tornar um homem, perdendo os predicados e os encantos que fazem da mulher o encanto da vida. Porque, a grande verdade é: se o espírito do homem modernizado pelo exercício phisico admira as formas higienizadas e esbeltas da mulher que se adelgaça pela pratica dos *sports*, não admite ainda o aspecto quase horripilante da mulher-homem, do virago que corre 4 ou 8 milhas, que lucha no *ring* de *box* ou que disputa partidas de *rugby* [...] Uma mulher deformada pela violencia do *sport*, de braços que rivalizam com os nossos, musculosos e asperes, de tez também aspera e olhar de penetrancia brutal, não poderá nunca fazer o encanto de um lar, de um salão de festas ... de um ambiente de ternura... Que caricia poderíamos fazer a mãos callosas e rigidas, a uma face aspera como a nossa, a uns olhos que não fossem uma promessa e sim uma voz de commando.(VIDA CAPICHABA, 1932, s.p).

Se por um lado o esporte é considerado um símbolo de modernidade e uma virtude dos povos civilizados, por outro, praticado pelas mulheres, pode colocar em risco a “segurança” de um modo de vida patriarcal que estabelece as hierarquias, bem como o papel e o lugar do homem e da mulher na sociedade.

Nessa perspectiva, a mulher é vista como um corpo-objeto que deve seguir aos critérios masculinos de valor no qual o esporte, baseando-se nas suas capacidades e habilidades corporais “[...] torna-se incompatível com a natureza feminina fazendo com que a mulher, ao se envolver com a prática esportiva, ela seja vista como realmente uma ‘mulher’, ou de outra forma a atividade que ela pratica não seja encarada como um esporte” (DEVIDE, 2005, p. 49-50).

Os ideais de corpo e de educação corporal femininos são analisados pelos cronistas da Revista *Vida Capichaba* tomando como referência o corpo do homem/masculino e da

² Preservaremos a originalidade da ortografia presente nas fontes.



mulher bela, frágil e terna. Desse modo, parece importante compreender como os cronistas avaliavam os padrões de corpo masculino. Encontramos ao lado da imagem de um lançador de dardos, a descrição idealizada do corpo masculino.

O lançador de dardos é o padrão clássico do atleta que admiravam os gregos nos Jogos Olímpicos da antiga Atenas. De formas harmoniosas, robustos e esbeltos sem exagero das massas musculares vultuosas, aliavam o encanto da plástica Apolínea ao vigor de Hércules (VIDA CAPICHABA, 1932, s.p).



Figura 1. Lançador de dardos como exemplo de padrão clássico do atleta grego.
Fonte: Revista Vida Capichaba (1932)

Sportmans: modernos e elegantes no esporte e na vida social

Apesar de o corpo masculino estar à mostra durante grande parte do tempo nas imagens em fotos da Revista, nas práticas esportivas, contudo, a maior preocupação masculina estava centrada, em maior escala, na elegância que esbanjavam charme com suas vestes. O interessante na época era ser considerado um *sportman* e a Revista dava conselhos ao público masculino de como os cavalheiros deveriam ser portar. Exemplar é a fotografia que surge como capa da Revista *Vida Capichaba* em 1933 em que um casal de jogadores de tênis exibe elegância na roupa e na atitude calcados no esporte.

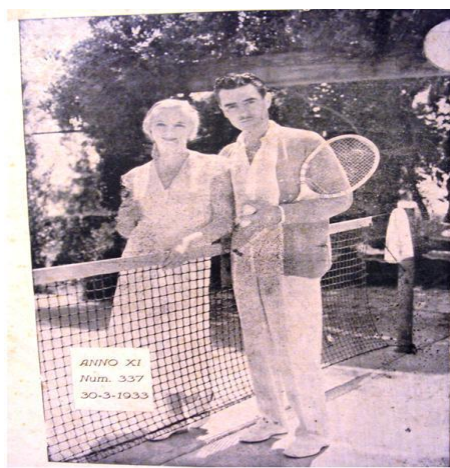




Figura 2. Casal aristocrata exibindo estilo atlético como nova tendência da moda.

Fonte: Revista Vida Capichaba (1933)

Autores como Vaz e Bombassaro (2010) analisam que o esporte surge na experiência moderna como uma prática do tempo livre, momento da formação desinteressada do corpo e do caráter, erigindo a figura do *sportsman*, um *gentleman* a cultivar as práticas menos como atividades físicas e muito mais como um estilo de vida, um deleite e um prazer compartilhados por homens (e algumas mulheres) iguais no respeito às condutas cavalheirescas, às virtudes e às regras do jogo.

De acordo com a Revista *Vida Capichaba*, o homem deve ser inovador, portanto, seguir as tendências da modernidade como a corte, ser esportivo e “fino” como um *gentleman*, como um *sportamn*. “E como os príncipes nunca erram, pelo menos no tocante à indumentária, o melhor que o autor tem a fazer é seguir lhe as pegadas desde que pretenda, realmente como um jovem elegante” (COLUNA MODA MASCULINA, 1929, s.p).

Semelhante ao caso da moda feminina, todas as dicas referentes à moda masculina estavam embasadas em algumas metrópoles estrangeiras consideradas modernas, por exemplo, como Paris. A Revista também fazia questão de citar o sucesso das possíveis combinações que as estampas faziam na *Broadway*. Isso porque a sociedade capixaba estava em plena construção de identidade, como resultado disso, o vestuário local incorporou tendências de países e cidades que já possuíam reconhecida tradição em moda.

O vestuário feminino e a moral católica: controle e resistência

A tendência das vestes era encurtar-se cada vez mais, porém havia um controle rigoroso da igreja, mais propriamente do seu representante superior, o Papa, que ao tomar conhecimento dos fatos, procura coibir o uso de vestes consideradas curtas e imorais para a época. Em virtude disso, ocorre um aumento nos vestidos femininos, o que indica uma determinada influência deste tipo de discurso em relação aos hábitos do período. Contudo, com o passar dos anos, o uso de novos tecidos faz surgir uma nova preocupação; mesmo as vestes estando cumpridas, elas agora estão mais coladas ao corpo, expondo os contornos corporais femininos:

Nesse tempo andavam as mulheres de saiotas e ecoava pelo Brasil inteiro o grito de susto e de indignação do Papado – brado de excomunhão esmagadora – contra o encurtamento progressivo das saias, a contrastarem escandalosamente com as batinas...Um dos trechos da nossa digressão localizava a posição dos contendores, nessa luta entre a Igreja e a escandalizante moda feminina, parecendo, francamente, pender a vitória para os hostes



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

femininas, porque, quanto mais anathematizada a usança da epoca, tanto mais as saias diminuían de tamanho...[...] Os acontecimentos, que se succederam, vieram, porem, demonstrar que as nossas impressões, e as de toda a gente, eram falsas, porque a Igreja, afinal, triumphou e o Papa Benedicto conseguiu documentar a infalibilidade pontificia. E as mulheres se renderam à discrição, transferindo o cumprimento das saias, dos joelhos para os tornozelos, sem escalas pelo caminho... [...] A Igreja, animada por esse esplendido triumpho, não deva parar ahi: há muito que fazer, no sentido da moralização das vestes feminas, pois, o que se refere ao cumprimento das saias é apenas um detalhe, que não resolve todos os aspectos do problema, tão complexo elle é. Diziam há dias um amigo, que as saias justas, muito colladas ao corpo, hoje livre de ciutas e espartilhos, são muito mais perigosas do que as saias curtas condemnadas pelo Papa e constituem assumptos a reclamar a atenção e as admoestações dos moralistas. Nesse caso, deveria a Igreja fazer voltas, victoriosa, a saia balão, fofa, ampla, portectora e moralizante... Terímos outra peleja ruidosa... (COLUNA FEMINEA, 1925 s.p).

Alguns anos depois, a Revista traz novamente o assunto à tona, mostrando que há uma forte repressão eclesiástica ao encurtamento das vestes e à participação das mulheres tanto como praticantes quanto como expectadoras de jogos esportivos. Nesses termos, o Papa, do alto do Vaticano promove uma série de regras de condutas que representariam um modelo ideal de educação das mulheres “[...] verdadeiras filhas de Deus” (COLUNA ETERNA VAIDADE, 1930, s.p).

Por meio da “pedagogia” cristã católica o Pontífice estabelece algumas regras para controlar, não apenas o uso de roupas, mas a produção de subjetividade feminina em benefício da igreja e de um modelo social. As regras foram as seguintes:

A primeira adverte as senhoras católicas que vigiem os vestidos das filhas. A segunda lhes dá esses modelos os da Sacra Família. Há de ser um pouco difícil ver, no século vinte, alguma moça usar vestidos à moda Jadéa, nos tempos de Cristo e da Virgem Maria. A terceira regra é terrível. Dá cabo do *football*. Nem mais nem menos! Manda que as mães não permittam as filhas assistir a apostas e jogos ginásticos. Só o podem fazer quando a isso obrigadas. (lá se vão as torcedoras!) (COLUNA ETERNA VAIDADE, 1930, s.p)

Dentre outras coisas censuradas ao público feminino, o Papa proíbe até

[...] a entrada nas igrejas das que usem as modas modernas. Para apoiar fortemente as suas palavras duas vezes o Santo Padre cita a autoridade de S. Paulo, em uma de suas epístolas a Timotheo. Nela, segundo o Papa lembra, o grande Apostolo diz que as mulheres devem orar com «trajos modestos».Cita incompletamente.



Nesse mesmo versículo, S. Paulo proíbe também as mulheres de usar seja o que for de ouro ou de perolas e mesmo, notem bem, «cabellos encrespados». Respeitosamente, pode fazer-se notas a S. Santidade que tão contrária é a S. Paulo a senhora que aparece na igreja com os vestidos curtos, como a que passou na véspera pelo cabeleireiro para frizar os cabelos. Nada de citações truncadas! Si a autoridade é S. Paulo, preciso se torna acatal-o inteiramente (COLUNA ETERNA VAIDADE, 1930, s.p).

Nesse sentido, alguns estilistas, como no caso da senhora Fernanda Lamma, trabalhavam no intuito de criar peças que atendessem e valorizassem as demandas e imposições presentes no contexto histórico, como no caso das imposições da igreja católica.

Fernanda Lamma, artista bolonheza, traçou, recentemente, três modelos de vestidos que causaram grande sensação nos círculos mundanos e mereceram da critica européa uma verdadeira consagração. A finalidade desses modelos foi dar a nota italiana de originalidade na moda feminina. O primeiro delles, na collocação dada pelos chronistas foi o intitulado «Conciliação», para as recepções do Vaticano, e teve o fito de commemorar o accordo entre o governo e o papado. Segundo foi o «Manteau» baptisado com o nome de «Mussolini» e destinou-se ao passeio ou às manifestações de character fascista. O terceiro e ultimo foi o vestido «Imperial», em seda branca, com o manto Renascença, e destinado ás recepções da Corte. As creações de Fernanda Lamma, que suscitaram vivos anseios em toda a Itália, deram a ganhar a essa modista uma somma vultuosa, estimada em muitos milhares de libras, pois todas as damas da aristocracia adoptaram-nas immediatamente (COLUNA A ETERNA VAIDADE, 1927, s.p).

Como resultado das mudanças nas tendências relativas ao vestuário feminino, são incorporadas novas peças para realçar determinadas partes do corpo feminino. Com os encurtamentos nas vestes e a maior exposição dos corpos devido à economia de panos, surgem novas demandas entre as mulheres no que se refere aos cuidados que estas deveriam ter com relação aos corpos, agora constantemente a mostra.

A proliferação das práticas corporais e o encurtamento das vestes femininas

Quando investigamos as elegantes vestes da época, nos deparamos com o encurtamento nas vestes femininas. Isso pode ser compreendido por meio das transformações nas estruturas das cidades, que alavancaram uma mudança nos hábitos da população, uma vez que, a maior e mais notável mudança nos hábitos das populações de algumas cidades foi a de passar a frequentar cada vez mais espaços coletivos de lazer como as praias, no intuito de aproveitar o tempo livre e curar doenças.



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Nos primórdios do século XX, a prática de banhos de mar não era muito freqüente dentre a população. Aos poucos essa concepção vai perdendo força e essa prática se torna contumaz ao tempo livre entre os homens. Já entre as mulheres, por uma série de motivos, essa prática não era muito comum. No início, os banhos ocorriam somente através de recomendações médicas que sugeriam que as mulheres comessem a tomar os banhos de mar apenas com fins terapêuticos. Segundo Sevcenko (1999, p. 572), na virada do século XIX para Século XX os médicos passam a prescrever o banho de mar como medida de cuidado com a saúde. Mas nem por isso as praias passaram ser rapidamente o lugar da exposição corporal, pois num primeiro momento os banhistas iam à praia de madrugada para não sofrerem a exposição ao sol.

Paulatinamente, a população passou a utilizar a praia e a estabelecer novas relações com o mar, mas principalmente as mulheres se banhavam vestidas com roupas enormes de baeta azul-marinho, debruadas com cadarços brancos (as mais ousadas usavam debrum vermelho, o que dava o que falar). Para completar a indumentária bizantina, “As calças vinham até os pés, terminavam com uns babadinhos também em debrum. E como complemento da complicada indumentária: toucas de baeta e sapatos de corda ou de lona” (SEVCENKO, 1999, p. 572).

Não se pode deixar de mencionar que essa nova relação da população com a praia/mar ganhou força por meio dos meios de comunicação. A Revista *Vida Capichaba* evidenciava muitos flagrantes da população enquanto banhavam-se de mar, em dias de competição de remo, fato importante para compreensão do desenvolvimento do esporte como elemento de “educação corporal” e da forja de novos estilos de vida. No intuito de justificar o encurtamento das roupas de praia surgem discursos na Revista que apelam para o fato de Vitória possuir um clima tropical e por ser uma cidade que vive o verão quase o ano inteiro. Não podemos esquecer que as regatas, as corridas de cavalos e as competições de natação nas praias contribuem para que a população produza novos sentidos e novas relação com o mar, com o corpo, logo, com os modos de se vestir.



Figura 3. “Fugindo aos rigores da Canícula”. População usufruindo a Praia Cumprida em Vitória no período considerado mais quente do ano.

Fonte: Revista Vida Capichaba (1932)



A “esportivização” da sociedade capixaba e as mudanças no vestuário

Com o maior acesso das pessoas às praias, que, aos poucos, vinham ganhando conotação de espaço de lazer, o corpo passa a ser mais evidenciado, com isso, certas partes que antes eram totalmente cobertas passam a ter mais notabilidade como pernas, braços e busto. Além de passar a importar vestuário direto das cidades produtoras como Paris, o mercado da moda capixaba logo percebe a necessidade de produzir vestuário próprio e adequado às novas mudanças de comportamento das elites em relação aos modos de se relacionar com o corpo e com os espaços de sociabilização.

A prática esportiva parece interferir decisivamente em novos reordenamentos da moda e, com isso, nos modos de produção de sentidos em relação aos espaços de lazer e de sociabilização nas cidades. Nesse sentido, os Governantes de Vitória criam espaços para a prática do esporte e buscam mostrar que é necessário, caso não desejemos “ficar pra trás”, levar a população capixaba a seguir o exemplo de progresso e de cultura – nesse caso, a cultura corporal – do povo norte americano, considerado como o mais avançado do globo. Outro indicio dessa assimilação cultural pode ser compreendida através da adoção de vestimentas propícias para a prática de patinação.

Foi justamente a adoção d’essas saínhas (e respectivos calções de seda) pelas frequentadoras dos «rinks» de patinação que veio desertar um novo interesse pelo sport – pois que permitindo essa indumentário todos os movimentos e acrobacias, sem os entraves que os vestidos compridos apresentavam, isso veio tornar a patinação um divertimento ainda mais interessante para as «girls» - sem falar do bem mencionado facto que todas as pequenas gostam de exhibir uma perna bem feitinha... Os rinks de patinação americanos, porem, impõem certos regulamentos sobre o typo e comprimento das «skaterinas» uzadas por suas frequentadores, pois que do contrario algumas d’ellas bem depressa appareceriam vestidas apenas... de relógio pulseira. Taes saínhas, como regra, não podem ser mais curtas do que 5 centimentros acima do joelho. É interessante notarmos, a esse propósito que Victoria vae também em breve ter seu rink de patinação no Parque Moscozo, por feliz iniciativa do seu Prefeito, o Dr. Americo Monjardim (VIDA CAPICHABA, 1940, s.p.).

Vale ressaltar, que mudanças de hábito no vestuário nas décadas de 1920 a 1940 referentes ao encurtamento nas vestes femininas dividiam muito a opinião das pessoas da época e geravam polêmicas nos meios de comunicação. A anunciada liberdade de movimento não estava restrita às roupas dos atletas, mas se ampliava na sociedade como modelo e estilo de vida das pessoas que não eram praticantes de esportes. Basta lembramos que, embora as vestes de Moda Praia tivessem grande adesão, o fato de afetarem questões morais convergiu para que alguns cronistas da Revista, como o senhor Zito André, expusesse seu total descontentamento de forma sarcástica, com relação ao uso de roupas curtas e à exposição do corpo nas praias brasileiras:



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

Um telegramma de Londres, num destes últimos dias, da-nos a sensacional nova de que os emprezarios theatraes da Grã Bretanha estão em apuros para montarem uma peça inédita de Shakspeare. Toda a dificuldade dessa montagem, acrescenta o despacho, é exigir a peça do auctor de Romeu e Julieta, que os seus interpretes appareçam em scena vestidos á moda paridisiaca dos tempos de Adão e Eva, ou, mais claramente, que elles appareçam sem vestido algum. O caso, como se vê, é mesmo para quebrar a cabeça dos empresários londrinos, sabido como é o espírito de moralidade do povo inglez ainda apegado a uns tantos princípios de austeridade. Entretanto a questão, que aparece complicadíssima é das mais simples. Bastaria que os ‘metteurs em scene’ britannicos, ao envéz de fazerem representar a peça em seu paiz, se resolvessem a transporta-la para o Brasil... Nem ao menos precisariam de trazer actores e actrizes do Velho Mundo, dispostos ao ‘sacrifício’ da exhibição dos seus encantos... e recantos mais íntimos. Era só procura-los nas praias cariocas de Icarahi ou de Copacabana... (COLUNA A ETERNA VAIDADE, 1927, s.p).

Outro cronista da Revista expressou uma crítica ao encurtamento das vestes e à banalização das “minúcias femininas”. Mais uma vez a barreira do corpo é o pecado que o mesmo, ao ser exposto, pode produzir. Nas palavras do autor, ele:

[...] não se podia conter, ao vel-a dançando, mesmo na posição natural da dança, um reparo silencioso, uma intima condenação a costureira demasiado economica, que deixou o bello vestido de *mulle*, sem um centimetro, sequer, de manga. Os lindos, morenos braços nus, completamente nús, estavam até em cima, la muito em cima, ate aquelle ponto de certo mysterio, que as mulheres de outróra tanto escondiam, quanto as de hoje, na sua maioria, tudo fazem por mostrar em publico... E o melhor de tudo, foi a saudade que me veio...Saudade do tempo em que a moda não havia desvendado ainda, os nossos olhos pecadores, o encanto dessas minucias femininas...(STELLI, 1925, s/p)

O costume das vestes, inspirado no clima de esportivização, ultrapassou as barreiras morais e religiosas. O impulso de renovação foi além das vestes e chegou na produção de subjetividades anunciando liberdade e modernidade. Notamos que a emergência do esporte em Vitória interfere diretamente nos modos de se vestir e de relacionar com corpo da população capixaba.

Conclusões

Por meio da análise da Revista *Vida Capichaba* observamos nas fotos, nos artigos e nos comentários, que a incorporação coletiva das práticas esportivas contribuiu para a exposição corporal e o encurtamento das vestes.



O trabalho identifica que as alterações no modo de vida, em particular as mudanças nas vestimentas, principalmente femininas, apresentam relações diretas com a emergência do esporte na vida social capixaba. Também observamos que as vestimentas utilizadas, principalmente pelas mulheres, atendiam a um padrão moral que pregava os trajes longos como símbolo de obediência e acessório necessário ao controle corporal.

Com a disseminação dos esportes, enquanto prática social, como o remo e o *foot-ball*, juntamente com a influência da mídia impressa e avanços da medicina, nota-se uma redução e aperfeiçoamento das vestes, o que contribuiu para vestimentas mais curtas e mais aderentes ao corpo. A pesquisa identifica, ainda, a presença da moral religiosa como uma resistência contra tais mudanças de vestuário, mas que não foi capaz de impedir seu processo.

Pensando na continuidade do projeto, vamos prolongar a análise temporal da revista *Vida Capixaba* até a década de 1950. Onde faremos o exercício de também analisar as edições disponíveis da Revista *Chanaan*, surgida em 1936 e pouco explorada nesse subprojeto.

Referências

- ALBINO B. S, VAZ, A.F, “Mulher, Como Deves Ser”: um estudo sobre a educação do corpo feminino no jornal Dia e Noite (1940-1941), *Temas & Matizes*, 2005, p. 67- 68.
- DERENZI, L. S. Biografia de uma ilha. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.
- DEVIDE, F. P. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- LIPOVESTKY, G. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.
- NACIF, M. Estilo urbano: um estudo das formas vestimentares das camadas médias urbanas no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. Tese de Doutorado em História Social. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2000.
- PAIVA, E. F. História e imagens. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ROSTOLDO, J. P. “Vida Capixaba”: o retrato de uma sociedade-1930, Vitória 2000.
- SEVCENKO, N. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, N. (Org.). História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. VASCONCELLOS, J. G. et. al. Vitória: trajetória de uma cidade. Vitória: IHGES, 1993.
- VAZ, A. F, BOMBASSARO, T. Esporte e modernidade em Florianópolis: primeiras aproximações. In: MELO, V.A. (org.). Sport, cidade e modernidade. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2010. No prelo.
- WILSON, E. Enfeitada de sonhos: moda e modernidade. Lisboa: Ed. 70, 1989. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

Revistas consultadas



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

STELLI, S. **Vida Capichaba**, A Moda, s.p. 1925.

COLUNA FEMINEA. **Vida Capichaba**, Vitória, s.p. 1926.

COLUNA A ETERNA VAIDADE. **Vida Capichaba**, Vitória, s.p. 1927.

COLUNA MODA MASCULINA. **Vida Capichaba**, Vitória, s.p.1929.

COLUNA ETERNA VAIDADE. **Vida Capichaba**, Vitória, s.p.1930.

REVISTA Vida Capichaba, **Lançador de dardos como exemplo de padrão clássico do atleta grego**, Vitória, ES, 1932, 1 Fotografia.

REVISTA Vida Capichaba, **Casal aristocrata exibindo estilo atlético como nova tendência da moda**, Vitória, ES, 1933, 1 Fotografia.

REVISTA Vida Capichaba, **Fugindo aos rigores da Canícula**, Vitória, ES, 1932, 1 Fotografia.

_____. s.p. 1940.